www.psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento produzido em 26.04.2015

UMA CRIANÇA E EX-PANCADA: RELAÇÃO DO MASOQUISMO INFANTIL AO SADISMO ADULTO

2015

Marcell Felipe Alves dos Santos
Psicólogo Clínico - Graduado pela Centro Universitário Newton Paiva (MG).
Pós-graduando em Clínica Psicanalítica pela Pontifícia Católica de Minas Gerais (Brasil)

E-mail de contato:
marcell.felipe@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como tema a relação conflituosa entre a fantasia e pulsão recalcada no que se diz a respeito do espancamento. Sobre base teórica freudiana, irei expor sobre a fantasia no qual a criança é espancada e se torna – muitas vezes – no espancador na vida adulta. Nesta dualidade, enfatizaremos a forma em que a fantasia de espancamento juntamente com o desejo de amor edipiano se torna um deslocamento do representante pulsional.

Palavras-chave: Sadismo, masoquismo, pulsão, fantasia

RELAÇÃO EDIPIANA

Iniciarei presente artigo com que Freud denomina como “Reversão ao seu oposto”, no qual o mesmo expõe:

> A reversão de uma pulsão ao seu oposto transforma-se, mediante a um exame mais detido, em dois processos diferentes: uma mudança da atividade para passividade e uma reversão ao seu conteúdo. Os dois processos, sendo diferentes em sua natureza, devem ser tratados separadamente. (FREUD, v XIV, p.132)

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Nesta função, Freud, nos mostra que este processo de mudança de atividade se passa de passiva – criança espancada – para a função ativa – pai/mãe que bate.

Para que possamos falar sobre o assunto com mais clareza, sinto necessário pontuar uma trajetória a qual o sujeito passa desde sua infância até a vida adulta. Ressalto que a estrutura aqui analisada será a neurose – para melhor entendimento do leitor.

O complexo de Édipo, baseado na tragédia grega, é para Freud uma fase que ocorre na vida de todas as pessoas, fase em que há uma preferência velada do filho pela mãe, acompanhada de uma aversão clara pelo pai. Segundo Freud, em seu texto "A Dissolução do Complexo de Édipo" (1924), neste período a criança se dá conta da diferença sexual, tendendo a fixar a sua atenção libidinosa na pessoa do sexo oposto e rivalizando com a pessoa do mesmo sexo.

Articulado ao complexo de Édipo, Freud nos apresenta o complexo de castração que seria o pivô de uma função imaginária. É a base na qual a estrutura dos desejos funda e institui o sujeito na relação com o mundo. No menino a ameaça de castração e na menina a inveja do pênis – penisneid – são os primeiros passos para a constituição do sujeito. Lacan em sua obra "O seminário: livro 5, as formações do inconsciente" (1959) aprofunda mais a teoria do Édipo desenvolvida por Freud e propõe que há no complexo três tempos lógicos.

No primeiro tempo lógico do Édipo a criança se identifica com o objeto de desejo da mãe. Sobre essa relação narcísica entre o bebê e a mãe, Quinet (2000, p. 10) aponta que no Édipo há "[...] três elementos: a criança, a mãe e o falo, sendo a criança e falo equivalentes." A criança é sujeitada ao desejo e à lei da mãe, e esta, então, é aquela que irá satisfazer ou não as vontades dessa criança.

No segundo tempo lógico do Édipo, Lacan (1959), mostra o início do processo simbólico no sujeito. Esse tempo insere o sujeito no simbólico, no qual, a criança não será mais o objeto de desejo da mãe. É aí que aparece um terceiro com a função paterna. Este terceiro é evocado no discurso da mãe, ele é representado como o Pai, o Nome-do-Pai.

O Nome-do-Pai é a metáfora paterna pela qual a mãe permite a entrada de um terceiro na relação narcísica com o bebê, mostrando para a criança que a mãe é inserida na lei paterna.

O Nome-do-Pai tem a função de inserir a lei no sujeito que está se constituindo. Ele vem metaforizar o lugar que a mãe não ocupa mais. "[...] Se, no primeiro tempo lógico do Édipo o Outro é a mãe, o Nome-do-Pai é o que vem barrar o Outro onipotente e absoluto, inaugurando a entrada da criança na ordem simbólica [...]." (QUINET, 2000, p.12).

É neste segundo tempo que Lacan (1959) apresenta a castração simbólica e é a partir daí que o sujeito será barrado, e recalcará seus desejos desprazerosos. "[...] A intervenção do Nome-do-Pai no Outro faz com que a identificação da criança com o falo da mãe seja destruída, ou, pelo

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

menos recalcada. [...].” (QUINET, 2000, p.12). A partir deste segundo momento a criança será inscrita na castração, permitindo que os representantes pulsionais sejam recalcados.

No terceiro tempo lógico do Édipo, Quinet (2000, p.13) mostra que a criança, que era o falo, agora possui um falo. “[...] Aqui o pai, enquanto marido da mãe, aparecerá como o suporte identificatório do ideal do eu [...]”. O pai agora passa a ser uma significação para aquele sujeito como ideal. Esse pai marca a entrada do sujeito no simbólico, e permite que no inconsciente[1] se insiram significantes.

Dado a explicação sobre o complexo de Édipo, explicarei a relação do menino/menina diante da fantasia e o desejo de ser espancado, claro fundamentando com a relação adulta.

UMA CRIANÇA É EX-PANCADA.

Fusc Freud em “Uma criança é espancada. ‘Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais’” (1919) relata que é a partir dos 2 aos 5 anos que aparecem os fatores libidinais, e que estes se ligam ao complexo de Édipo. Freud (1919) nos apresenta que neste fato do aparecimento libidinal, surgem também as fantasias – que podem ser consideradas como primitivas – porém, podemos ressaltar que está só se desencadeia no final deste período cronológico citado. Esta fantasia no qual daremos ênfase no espancamento infantil, Freud (1919) nos situa que possuem três fases, sendo elas;

1) Esta fantasia pode ser denominada nesse primeiro momento como período primitivo infantil.

Neste primeiro momento, a criança em que se está batendo, jamais é a que cria a fantasia, portanto, pode ser – nos casos mais comuns – o irmão ou a irmã. Esta primeira fase a criança cria a fantasia com o objetivo de observar a outra sendo espancada. Freud diz “[...] mas não se pode esquecer, que a criança que cria a fantasia, não é a que bate.” (1919, p. 200).

Nesta fase, Freud nos mostra que a pessoa que bate ainda é obscura e que a ‘feição’ do *pai* só será reconhecida mais tarde.

[1] O inconsciente é um lugar psíquico, não há como pensar que este inconsciente seja um lugar anatômico, “[...] Nossa topografia psíquica, no momento, nada tem que ver com a anatomia [...]”. (FREUD, v XIV, p. 179)

2) Na segunda fase, Freud mostra que a pessoa obscura se torna o pai porém, a criança que apanha é a que fantasia.

Esta fantasia vem acompanhada com um grau muito elevado de prazer e "[...] adquire um conteúdo significativo, a cuja origem nos dedicaremos depois. Agora portanto as palavras seriam '*Estou sendo espancada pelo meu pai*'" (FREUD, 1919, p. 201).

Freud nos diz que esta fase é uma fase de total inconsciência, não há possibilidades normais para que seja lembrada, a não ser por um processo analítico.

3) A terceira fase é uma fase no qual podemos referenciar com a primeira, onde o pai não é reconhecido.

Este pai que bate, nunca é reconhecido e invariavelmente se repeti e este pai é substituído por um outro – podemos citar o analista. O espancamento pode ser substituído nesta terceira fase como o castigo, a humilhação, qualquer tipo que cause um constrangimento ou um desprazer para essa criança que está sendo constituída pelo pai. Embora ela sendo amada, a criança quando é vítima de um castigo ela sofre não pelo fato de estar sendo castigada, mas pelo medo de perder o amor deste no qual propõe esse ato, é o que Freud (1919) nos mostra "Depressa se aprende que ser espancado mesmo que não doa muito, significa uma privação do amor [...]" (p. 202).

Nosso dever é de esclarecer o sadismo e o masoquismo, porém seria de extrema irresponsabilidade dizer de tais, sem citar o combustível das pulsões, a fantasia.

A fantasia tem um papel de suma importância final nesta relação infantil com o masoquismo e o sadismo, Freud elucida que a fantasia ganha forças após o tempo incestuoso, amor ao pai/mãe, agora o desejo inconsciente é outro, não o de amor, mas o da dor.

Freud (1919) relata que "A criança disse: 'Ele (o meu pai) só ama a mim, e não à outra criança, pois está batendo nela'. O sentimento de culpa não pode descobrir um castigo mais severo do que a inversão deste triunfo" (p. 204). Podemos observar claramente a fantasia sádica, sendo que este pensamento está relacionado com a primeira e terceira fase. Em sua segunda fase – ressalto que esta fase é totalmente inconsciente – Freud (1919) mostra que a criança se torna masoquista, pois houve um deslize pelo amor do pai. " 'Não, ele não ama você, pois está batendo em você'" Freud então continua, "Desse modo, a fantasia da segunda fase, a de ser espancada pelo pai, é uma expressão direta do sentimento de culpa da menina, ao qual o seu amor pelo pai sucumbiu agora[...]"(p. 205).

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Esta culpa que Freud relata, na referência ao que possamos dizer sobre uma relação do sexual, não com a puberdade onde o corpo está cheio de desejos, mas com a masturbação primitiva – a fantasia – ou seja, o complexo de Édipo. "Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substitutivo regressivo daquela ação [...]" (FREUD, 1919, p. 205). É com clareza que vemos a repetição do adulto. A substituição do pai e sua função, onde o sujeito irá depositar todo o seu desejo inconsciente, recalcado quando criança, e irá satisfazer o mesmo batendo ou apanhando.

Ao passo para dar continuidade deste fato do masoquismo infantil para o sadismo adulto, recorro ao texto "Pulsões e suas Vicissitudes" (1915) e sinto uma necessidade de pontuar para o leitor que esta modalidade é um deslocamento da pulsão.
A pulsão tem como objetivo a satisfação, porém esta satisfação irá se deparar com a defesa do sujeito, Freud (1915) então nos apresenta os destinos desta pulsão, são elas; Reversão ao seu oposto e Retorno em direção ao próprio eu – há também a sublimação e o recalque no qual não serão explicitados neste artigo.

Na reversão ao seu oposto, é apontado por Freud como a reversão do objetivo da pulsão, com a localização que irá satisfazer esta pulsão. No texto Freud (1915) cita o exemplo do sadismo – masoquismo, onde o sujeito transforma sua atividade em passividade. O que torna claro, que o sujeito em sua infância foi espancado e situa esse desejo em bater, pois a sua realização foi revertida.

Freud no mesmo texto nos diz do Retorno em direção ao próprio Eu, no qual este há uma mudança de objeto, mas o objetivo continua o mesmo. Antes de demonstrar algumas saídas para esse destino da pulsão, faço uma relação ao tema do trabalho. A mudança do sujeito é no objeto, que antes era o pai, agora – no nosso exemplo – é a esposa. O sujeito sente prazer em espancar a esposa no momento sexual, pois o objetivo é a satisfação, pois quando era espancado sentia o mesmo prazer.
O desejo inconsciente não é do amor e sim o da dor, é o do gozar pela dor que antes foi espancado, agora espanca. Podemos dizer – de certa forma – que este destino tem um lado que nos chama atenção, um lado perverso.

Voltamos ao texto de Freud (1915) e mostrarei as possibilidades do sadismo – masoquismo.

a) O sádico aplica em um exercício de violência e poder sobre um sujeito que se torna seu Objeto.

b) Esse sujeito que se tornou objeto, é de certa forma, substituído pelo próprio Eu, a mudança de objeto, do outro para o próprio eu, mudança essa que tem como finalidade de passar de ativo para passivo.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

c) Outro sujeito é procurado e se tornará o objeto, para que esse outro faça o papel do violentador.

Freud demonstra claramente:

> Veremos que não é supérfluo presumir a existência da fase (b) pelo comportamento da pulsão sem uma atitude passiva. Ali existe um retorno em direção ao eu do sujeito sem uma atividade de passividade para com a outra pessoa: a modificação só vai até a fase (b) (FREUD, 2006, v XIV p. 132)

Para finalizar nossa cadeia teórica das relações sádicas – masoquistas, recorro ao texto "O problema econômico do masoquismo" (1924) em que Freud denomina 3 formas do masoquismo; o masoquismo erógeno, onde o sujeito sente prazer na dor, o masoquismo feminino, que a introdução da potência através do ato sexual em si, forçado a obediência incondicional, onde o princípio feminino que é na perversão, a mulher associa esse prazer com o maltrato. E por fim o masoquismo moral, onde o sujeito se situa em um 'eterno' sentimento de culpa, sente prazer em ser culpado, julgado.

Podemos relacionar toda a estrutura mencionada acima sobre o amor/dor e prazer levando em consideração a fase infantil com a fase adulta.

O interessante que podemos notar é que no masoquista, há um "apagamento" da pulsão de morte – tomemos todo cuidado para afirmar tal questão. A forma de destruição que no masoquista é apagado, no sádico a situação é outra, a pulsão de morte aflora satisfazendo o mesmo em uma forma de alimento pelo sofrimento do outro. Em termos lacaniano, o sujeito goza do sofrimento do Outro.

Essa dualidade satisfatória de relações perversas em um neurótico – perigoso dizer de tal forma, mas ainda sim a mais precisa – o masoquista satisfaz em apanhar, enquanto o sádico em bater. Na infância a surra levada enquanto criança aflora o sujeito em bater, o rival do menino – o pai – no qual o espancou faz com que sua pulsão de morte aflore para espancar um próximo, pois a repetição se dá pela forma de algo do inconsciente na infância.

Sejamos claro no momento em dizer sobre o que impõe uma lei no sujeito, citado no artigo, o Nome-do-Pai inseri a lei simbólica no sujeito neurótico, esse simbólico se torna de certa forma um aparato no que Freud em sua segunda tópica nomeia de SuperEu, esse SuperEu é uma moralidade para o sujeito, ele faz uma barreira para que não ultrapasse pulsões desprazerosas no Eu do sujeito. Tendo em vista tal explicação, é interessante notar que quanto menos agressivo a pessoa se tornar, mais severo será o SuperEu, a pulsão estará presente, mas não haverá relação de objeto.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos Sobres a Metapsicologia e Outros Trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. **O Ego e o Id e Outros Trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. **Uma Neurose Infantil e Outros Trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

LACAN, Jacques. **O *Seminário, livro 5:* as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Coleção Campo Freudiano no Brasil).

QUINET. Antonio. **As 4+ 1 condições da analise.** 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 115 p.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt